

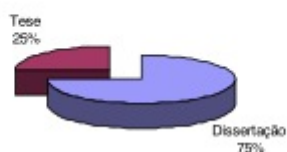
Vitória Kachar

A oportunidade para escrever este artigo surgiu ao efetuar uma busca no banco de dados da biblioteca da PUC, sobre teses e dissertações orientadas por Ivani Fazenda. Na época, surpreendi-me com o volume de produções e observei que havia material consolidando uma área de pesquisa, resultado do percurso da professora e pesquisadora, nos catorze anos de estudos e investigações sobre interdisciplinaridade no pós-graduação em Educação: Currículo da PUC/SP.

Quando apresentei o material à prof^a Ivani, ela me instigou a escrever; tarefa que levou tempo para encontrar o caminho da sua elaboração. Perguntava-me: como mapear tal quantidade: 52 produções?

Tive que partir de um movimento disciplinar de organização, recorrendo à tecnologia, um programa de computador, o banco de dados - Access, onde inseri as informações: título, autor, ano de defesa, tipo (mestrado ou doutorado) e foco da pesquisa. Para identificar o foco da pesquisa, detive-me na análise do título e nas informações contidas na ementa. Foi a única solução que encontrei, pois seria sobre-humano ler todas as produções ou realizar investigação mais profunda, o que acabaria em tese e não em um artigo. Defini como objetivo apresentar um mapeamento de todas as pesquisas, para fornecer ao leitor uma visão panorâmica do que já existe produzido nessa área, e não esgotar nenhuma análise nesse campo. Com as informações inseridas no Access, fiz o cruzamento dos dados e extraí algumas análises e gráficos representados em outro programa - o Excel. O primeiro gráfico forneceu o total: 13 teses e 39 dissertações de mestrado, que tecem abrangente e densa área de conhecimentos teóricos e práticos sobre interdisciplinaridade. Como venho acompanhando a prof^a Ivani nesses últimos sete anos, reconheci nas análises algumas produções e seus autores, colegas de sala de aula e de pesquisa. Apesar de partir de uma análise quantitativa, existem algumas considerações subjetivas, de testemunha do processo e do movimento do ambiente interdisciplinar.

Dissertações e Teses Orientadas por Ivani Fazenda

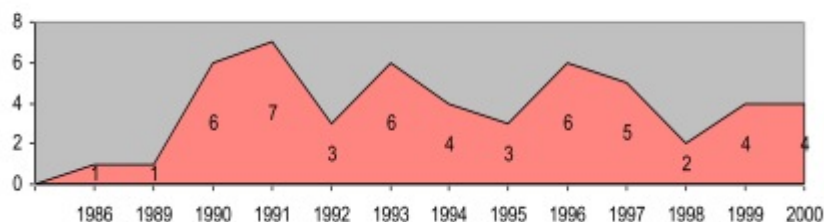


Muitas teses eram expostas e abertas à análise e discussão em sala de aula. A orientação da prof^a Ivani se dava no coletivo e no individual, o que enriquecia o olhar do grupo, ao encontrar suas perguntas e conflitos na situação de pesquisa do colega. Todos aprendiam a pesquisar em cada uma das investigações. Pelo Access, montei a distribuição por ano, tipo de produção (mestrado ou doutorado) e quantidade.

<i>Ano</i>	<i>Mestrado</i>	<i>Doutorado</i>
1986	1	
1989	1	
1990	6	
1991	7	
1992	3	
1993	5	1
1994	3	1
1995	2	1
1996	3	3
1997	2	3
1998	2	
1999	2	2
2000	2	2

A prof^a Ivani assumiu, como gestora da fértil produção, a orientação da primogênita, Suely Moreira que, em 1986, defendeu A relação pedagógica frente a introvertidos e extrovertidos: uma investigação antropológica. Como todo primeiro filho, uma experiência de investimento muito grande, que garante uma aprendizagem para os que vêm depois. O ano de 1990 foi altamente produtivo com seis dissertações, o que voltou a ocorrer no intervalo de três anos. Em 1993, cinco dissertações e uma tese e, em 1996, três dissertações e três teses. O ano de 1991 teve o maior número de produções, com sete dissertações, período este contemporâneo à defesa de livre-docência de Ivani Fazenda, momento fértil da sua produção intelectual acadêmica: duas publicações, um livro que aponta a categoria da parceria: Interdisciplinaridade: um projeto em parceria. Parceria essa que se efetiva na sua prática interdisciplinar com os alunos e orientandos e é assumida no mesmo ano, com a organização de um livro com artigos de seus alunos: Práticas interdisciplinares na escola, experiência que volta a se repetir outras duas vezes: em 1995, A academia vai à escola, e em 1999, A virtude da força nas práticas interdisciplinares.. Suas parcerias não se dão só com os alunos, mas com os seus colegas professores, o que contabiliza muitas publicações, seguindo a atitude de compartilhar questionamentos e avanços teóricos em Interdisciplinaridade e em Metodologia da Pesquisa em Educação. Com Regina Bochniak, a primogênita em doutoramento: Reconsiderando a questão do método em educação na perspectiva da interdisciplinaridade (1993), estabeleceu uma interlocução, num texto da coletânea do livro: Novos enfoques da pesquisa educacional. Nele, discute a relação do pesquisador com o objeto de pesquisa e sua possível transformação, bem como de que maneira a própria prática pode ser o objeto investigado.

Produções por Ano



Considerando o foco de investigação no campo da interdisciplinaridade, descortinei algumas marcas da pesquisa. Com o maior número de investigações (sete), o professor/educador é apresentado no seu lugar diário de ensinar e aprender, desvelando o ser interdisciplinar: O cultivo do professor: uma

experiência interdisciplinar (Izabel Petraglia, 1991); O cotidiano de uma professora de ciências da quinta a sexta séries do primeiro grau (Maria Otilia Mathias, 1991). Entre elas, uma indica a presença da racionalidade: A lógica que preside o trabalho do professor nas séries iniciais do 1º grau (Mercedes Berardi, 1990). O aprofundamento teórico sobre a subjetividade do professor resulta em tese: A estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor (Marcos Villela Pereira, 1996). O cuidado se estende à formação do professor: O movimento de (re)apropriação das vivências da infância na formação do educador, (Sandra Nogueira, 1992); e A formação interdisciplinar do professor sob a ótica da psicologia simbólica (Ecleide Furlanetto, 1997). As considerações teóricas resvalam nas questões da subjetividade, buscando construir uma perspectiva integrada sobre o indivíduo, contando com contribuições de outras áreas, como a Psicologia e a Filosofia, para ampliar a compreensão a respeito o indivíduo. O outro par da investigação sobre o professor é a didática e a prática interdisciplinar, no qual lugar, pessoa e fazer estão entrelaçados, não se dissociam: A prática pedagógica em ação: descrição e análise de uma experiência no cotidiano da sala de aula do curso de pedagogia (Marlene Borges, 1990). A prática diz da ação do professor, do seu saber-fazer-saber. É o educador imerso na prática, a tal ponto de se fundir com ela própria, ele é a didática: Da não identidade da didática à identidade pessoal (Dirce Tavares, 1991). Marcar território, abrir caminhos, desbravar horizontes entre quatro paredes constituem desafios contínuos: A conquista de espaços suscitando uma prática interdisciplinar (Ivani Teresinha Kolling, 1994); Didática crítica: caminhos para uma prática, descrição e análise de uma experiência num curso noturno de pedagogia (Maria de los Dolores Pena, 1990); Um Estranho em uma Terra Estranha: a Ficção Científica como Forma de Conhecimento na Escola (Ricardo Hage de Matos, 1993).

Nas pesquisas, procuram-se novas linguagens que remetam à comunicação de novas descobertas A linguagem metafórica alcança o avesso do ser para dizer da didática, que, mais do que isso, é ação: A interdisciplinaridade na ação didática: momento de arte/magia do ser professor (Jucimara Rojas, 1998). Permanente (re)construção de uma ação interdisciplinar coerente, consciente e translúcida. O espaço mais pulsante da escola é a sala de aula. Nela são construídos os alicerces da educação. O professor e a sua prática formam uma aliança importante para confluir num trabalho educativo de valor humano, buscando compreender o espaço escolar, seus limites físicos e territoriais, criando possibilidades de interligação e comunicação entre eles. O tema do muro da escola aparece em duas circunstâncias diferentes, com proposições complementares. Na dissertação Retire-se o muro da escola: uma experiência interdisciplinar com menores carentes, defendida por Célia Haas, 1989, observei o início do percurso de produções apontando a ousadia de romper com o estabelecido, buscando construir novas propostas. O tema muro volta em 1991, mas não como limite a ser rompido e, sim, como extensão da escola a ser apropriado por meio da intervenção artística: A compreensão do grafite na escola (Rosvita Kolb Bernardes). A arte valorizando e ocupando o espaço da escola. A escola tem no seu âmago espaços físicos e políticos a serem reavaliados e articulados em parceria.

Na rede de parcerias e parceiros, o professor não consegue encaminhar o seu trabalho apenas com o apoio dos alunos e colegas, mas necessita da colaboração dos seus outros pares, das diferentes funções e papéis educativos: Caminhos e descaminhos da coordenação de curso na Universidade: um labirinto (Lucrecia Mello, 1992); A coordenação pedagógica na ambigüidade interdisciplinar (Cristina Maria Salvador, 2000); A competência interdisciplinar do supervisor frente a uma proposta renovadora (Branca Tresoldi, 2000).



Ambiguamente, trabalha-se na desconstrução e construção para gerar a renovação. O fio de Ariadne serviu de orientação a Teseu, que desenrola o novelo na entrada do Labirinto, e, ao enrolá-lo, encontra o caminho de saída. Parte-se de um cenário real e vivido para questionar o lugar de cada um e reconstruí-lo à luz da teoria.

O cotidiano de diretor de escola (Laís Nishiyama, 1991); Orientação educacional: uma experiência com alunos de escola pública (Helenice Staff, 1990). A interdisciplinaridade costura, nos meandros da educação, o ser, o fazer, o lugar, nos diferentes níveis da instituição escolar.

Caminhos e descaminhos da educação infantil: dilemas de uma educadora paranaense (Maria do Socorro Hage, 1997); A trajetória da inovação em uma escola: uma leitura através da interdisciplinaridade (Teresinha Maria Silva, 1994); A interdisciplinaridade na construção de um projeto de universidade: a paixão pela prática (Célia Haas, 1995). É apontado outro espaço, que não o formal da escola, uma outra sala de aula e de vida: A arquitetura dos saberes: a interdisciplinaridade na aula particular (Manolo Vilches, 1993). As pesquisas atravessam as diversas áreas. Limites e fronteiras são questionados, flexibilizados e explorados nas investigações. A interdisciplinaridade, como um leque que se abre para ventilar novos rumos e navegar por outros ares, mantém incessante a busca disciplinar de construir o conceito-mãe: A representação em símbolo da interdisciplinaridade num processo grupal (Jucimara Maia, 1991); Movimentos de inter e transdisciplinaridade: panorama crítico das teorias e práticas (Araldo Gardenal, 1995); Interdisciplinaridade como poíesis (Maria Elisa Ferreira, 1996).



A tese de Joe Garcia (2000), Interdisciplinaridade, tempo e currículo, é resultado do avanço teórico no desdobramento do conceito, voltando por um círculo hermenêutico a um texto do primeiro livro da Ivani Fazenda em parceria com alunos. A parceria aluno-professor se concretiza, motor alimentador do processo que abre o ano de 2000 com muitas mudanças.

A mudança na educação é defendida por Geralda Ramos (2000): A questão da mudança na trajetória de educação interdisciplinar: do estranho das pesquisas ao familiar das ações. Nessa defesa, Ivani Fazenda, coerente com sua postura de parceria, apresenta uma banca toda composta por ex-orientandos. Ainda nesse mesmo ano efetiva-se uma mudança: é formalizada a existência do Grupo de Estudos e Pesquisas da Interdisciplinaridade – Gepi.

Nesse campo fértil, outros conceitos começam a despontar como categorias da interdisciplinaridade: O conceito de afetividade numa educação interdisciplinar (Diva Ranghetti, 1999); O sentido interdisciplinar da dialética no exercício vivido (Derly Barbosa, 1997); Ética e educação: um caminho para a interdisciplinaridade (Antônio Carlos Osório, 1996); Abrindo janelas a noção de competência para a construção de um currículo interdisciplinar: estudo preliminar (Janete Bernardo Silva, 1999).

A ousadia dos temas investigados aparece como força mobilizadora de transformação e renovação das propostas educacionais.

A rede de produções compele o pesquisador ao exercício contínuo do olhar, escutar, refletir, dialogar, questionar, duvidar e viver a interdisciplinaridade nas diversas dimensões e perspectivas da educação.

Abrindo olhares para o ato de aprender: um estudo interdisciplinar (Rosemary Jimenez Santos, 1998); Da dúvida à contradição (Neuza Abbud Garcia, 1990); Brinquedo: vivendo a interdisciplinaridade na educação (Iane D'Angelo, 1994); Desvelamento do projeto interdisciplinar: um exercício de questionamento e de produção do conhecimento (Regina Bochniak, 1990); Um projeto de integração à luz da

interdisciplinaridade (Graziella Zoboli, 1992); Amapá: o estudo de uma trajetória para a construção de uma política de alfabetização (Geralda Ramos, 1993).

A trajetória de investigação interdisciplinar é construção única, que se faz a cada objeto pesquisado, atendendo a configuração do seu contexto, que considera e respeita o sujeito pesquisador, na singularidade do conhecimento construído na experiência vivida. Interdisciplinaridade na pré-escola: anotações de um educador “on the road” (Gabriel Junqueira, 1993); A história da minha vida na alfabetização: uma utopia buscada nos caminhos da interdisciplinaridade (Sueli Freitas, 1993); Sonho-realidade: uma experiência interdisciplinar numa escola católica (Ivone Yared-Fma, 1994); Res ipsa loquitur? A hermenêutica da intercorporeidade e a arte da terapêutica interdisciplinar (Paulo Roberto Bastos, 1999).

A preocupação em desvendar o processo da pesquisa educacional ressurge com a tese de Lucrecia Mello (1999), com o delineamento do novo território: Pesquisa interdisciplinar: um processo em constru(a)ção. Mais do que produções, são processos vividos de intensa transformação, em busca da realização de sonhos, ideais, utopias, que todo educador traz na bagagem da sua história.

São práticas interdisciplinares vividas e reapresentadas na forma de investigação para gerar contribuição à educação e aos educadores. Mais do que teses sem alma e repletas de teorias ou compilações, que preenchem os vazios das prateleiras das bibliotecas, são investigações que circulam pelas mãos de leitores sedentos de conhecimento vivo. São leituras instigantes, que levam o leitor a visitar outros territórios e expandir seus horizontes. Requerem do investigador uma disciplina de permanência, habitar o objeto de pesquisa e ser habitado por ele. Paixão e mergulho na própria história como educador e pessoa. Paciência para saber cultivar e saber esperar pelo nascimento da tese. São gestações de vidas. Com o nascimento da tese, há o (re)nascimento do pesquisador e da nova pesquisa.

A discussão é muito maior e mais complexa do que este humilde texto pode apresentar. O que pretendia era construir um delineamento, indicando algumas direções que sirvam para abrir outras análises. Deixo ao leitor a tarefa de extrair suas próprias interpretações e indagações. É um começo para outras, muitas, singulares e profundas reflexões sobre interdisciplinaridade.